



## A produção do anormal – lendo *O Alienista* pela obra de Michel Foucault<sup>1</sup>

*The abnormal production - reading The alienist through Michel Foucault's work*

**João Roberto Barros II**

Doutor em Ciências Sociais (2010-2013) pela Universidade de Buenos Aires, <https://orcid.org/0000-0003-0324-7079>, [joao.barros@unila.edu.br](mailto:joao.barros@unila.edu.br)

Recebido em: 14/02/2023 / Aceito em: 20/07/2023  
DOI: 10.12660/rm.v15n24.2023.88906

### Resumo

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura de *O alienista*, de Machado de Assis, aplicando conceitos da sociedade disciplinar e biopolítica conforme descritas por Michel Foucault. No primeiro tópico apresenta-se alguns argumentos de Foucault sobre a sociedade disciplinar, ressaltando a construção da loucura como ferramenta de normalização. A importância do panóptico, da norma e do governo serão evidenciadas. No segundo tópico, seleciona-se alguns trechos de *O alienista* com o intuito de ressaltar elementos de uma sociedade disciplinar e biopolítica tal como descritas por Michel Foucault. Com isso, o artigo tem por objetivo a compreensão das noções de loucura, sociedade disciplinar, normalização, biopolítica, empregando como recurso metodológico uma análise da alegoria literária presente na obra *O alienista*.

**Palavras-chave:** Loucura; Sociedade disciplinar; O alienista; Machado de Assis; Michel Foucault.

### Abstract

The article's propose is to read *O alienista*, by Machado de Assis, applying concepts from disciplinary and biopolitical society as described by Michel Foucault. The first topic gathers some Foucault's arguments about disciplinary society, highlighting the construction of madness as a tool for normalization. The importance of the panopticon, the norm and the government are also highlighted. In the second topic, some chosen sections from *O alienista* are presented in order to emphasize the elements of a disciplinary and biopolitical society as described by Michel Foucault. Thereby, our endeavor is to understand the notions of madness, disciplinary society, normalization and biopolitics, using as a methodological resource an analysis of the literary allegory present in the work *O alienista*.

**Keywords:** Madness; Disciplinary society; The alienist; Machado de Assis; Michel Foucault.

<sup>1</sup> Texto fruto do projeto de pesquisa *Biopolítica na América Latina*, com apoio do edital 90/2022 PRPPG-UNILA.

## Introdução<sup>1</sup>

Constitui-se um desafio estabelecer um diálogo entre dois clássicos. Machado de Assis e Michel Foucault são figuras importantíssimas, seja pela qualidade de suas obras, seja pela extensão dos estudos dedicados a elas. Tentar um diálogo entre ambas não é tarefa fácil. Mesmo assim, lançamo-nos nesse desígnio com a motivação de enriquecer os estudos dedicados ao *corpus* foucaultiano.

Em uma nota anexa, os editores da revista *Critique* (2016, p. 981) dão algumas informações acerca de uma conferência inédita de Foucault, *A Literatura e a loucura*. Trata-se de um manuscrito encontrado junto a fragmentos não publicados da *História da loucura* (1972). Não se sabe se algum dia foi proferida, mas o mais importante é sua pertinência para uma reflexão sobre os limites e as indecisões referentes ao sujeito de conhecimento. Nessa conferência Foucault afirma que em todas as culturas há transgressões da linguagem, sendo a loucura uma delas. Para ele não haveria Literatura sem amor, sem trabalho, sem miséria, sem guerra ou morte. Contudo, mesmo diante dessas inúmeras relações, a Literatura estaria ligada constitutivamente à loucura e à morte (FOUCAULT, 2016, p. 966).

Tendo em vista a importância da Literatura para a obra de Foucault, veremos como o questionamento ao sujeito de conhecimento a partir dela pôde ser vislumbrado de modo a servir de incentivo e fonte a suas teorizações. Nesse caso, a relação entre Literatura e loucura permitia a ele pensar um ponto de fuga para além do sujeito de conhecimento.

Dito isso e passando ao itinerário de nosso argumento, no primeiro tópico reuniremos alguns argumentos de Foucault sobre a sociedade disciplinar e a sociedade biopolítica. A importância do panóptico e da norma serão ressaltadas no âmbito da disciplina. Importante para nós é sublinhar o primeiro como modelo da sociedade disciplinar e a segunda como infrapenalidade que permitiu a ramificação daquele no tecido social. Ambos permitirão uma ampla categorização do anormal dentro da sociedade.

No segundo tópico reuniremos alguns trechos da obra *O alienista*, de Machado de Assis, com o objetivo de identificar elementos para uma reflexão a partir dos textos de Michel Foucault. Argumentaremos que o referido ensaio pode ser lido

---

<sup>1</sup> Dedico esse texto à Ingrid, porque se Machado tivesse escrito em inglês, seria mais lido que Shakespeare.

de modo a ressaltar o par saber-poder na constituição de uma sociedade disciplinar, binária e excludente por excelência. Ademais, veremos também traços biopolíticos no roteiro de Machado. Com isso, nosso objetivo geral é a compreensão de conceitos presentes na obra de Michel Foucault empregando como recurso metodológico uma análise da alegoria literária presente na obra *O alienista*.

## Foucault e a produção do anormal

A produção do anormal é descrita por Foucault no marco da sociedade disciplinar. Ele profere essas palavras antes da publicação do clássico *Vigiar e punir* (1975). A obra que viria a ser marca distintiva das reflexões sobre a sociedade disciplinar ainda não vira à luz. Contudo, é possível perceber que suas pesquisas sobre ela já eram apresentadas neste curso.

Durante o curso *O poder psiquiátrico* (1973-1974), nosso autor argumentará que o poder disciplinar<sup>2</sup> promove “uma cobertura do corpo singular por um poder que o envolve e o constitui como indivíduo, isto é, como corpo subjugado” (FOUCAULT, 2003, p. 73; 2007, p. 94)<sup>3</sup>. Essa afirmação pode ser entendida de modo mais minucioso se tomarmos outra passagem do mesmo curso:

A hipótese que quero propor é que em nossa sociedade existe algo que poderíamos chamar poder disciplinar. Por ele não entendo outra coisa que certa forma terminal, capilar de poder, um último relevo, uma modalidade mediante a qual o poder político e os poderes em geral conseguem, em última instância, tocar os corpos, aferrar-se a eles, tomar em conta os gestos, os comportamentos, os hábitos, as palavras; a maneira, em síntese, como todos esses poderes, ao concentrar-se no descenso em direção aos próprios corpos e tocá-los, trabalham, modificam e dirigem [...] (FOUCAULT, 2003, p. 42; 2007, p. 59).

Essas características do poder disciplinar são possíveis dada a relação entre saber e poder tanto enfatizada por Foucault. A relação entre produção do discurso e exercício do poder foi extensamente analisada em suas obras, trazendo inovações conceituais muito influentes nos mais diversos ramos da atividade científica.

Em outra passagem, essa relação saber-poder é evidenciada pelo protagonismo da escritura na normalização dos corpos.

---

<sup>2</sup> O biopoder é constituído por duas fases: 1) poder disciplinar, ou disciplina, e 2) poder biopolítico, ou biopolítica. A disciplina teve seu início na segunda metade do séc. XVII, já a biopolítica no séc. XVIII.

<sup>3</sup> Algumas obras de Foucault serão referenciadas usando o original em francês seguido de uma tradução, em espanhol ou português.

O uso da escritura parece absolutamente essencial para que o poder disciplinar seja global e contínuo, e poderíamos estudar como, a partir dos séculos XVII e XVIII, tanto o exército como as escolas, os centros de aprendizagem e também no sistema policial ou judicial, etc., os corpos, os comportamentos e os discursos das pessoas são rodeados pouco a pouco por um tecido de escritura, um tipo de plasma gráfico que os registra, os codifica, os transmite ao longo da escala hierárquica e termina por centralizá-los (FOUCAULT, 2003, p. 51; 2007, p. 69).

De acordo com essa passagem, ainda estaria por ser descoberto como o saber plasmado na escrita tem permitido ao poder alcançar âmbitos ainda reticentes à sua atuação. Possibilitará, outrossim, um acompanhamento contínuo de movimentos e processos que antes escapavam às suas investidas, possibilitando ao conhecimento minucioso sobre os indivíduos um proceder cada vez mais singular.

Somado à norma, o panóptico será qualificado por Foucault como o modelo da sociedade disciplinar. Nele podemos identificar a formatação e o funcionamento de dispositivos diversos como o hospital, a escola, a fábrica ou o presídio. Todos esses espaços funcionarão mediante uma dinâmica de individualização e vigilância proporcionada pelo recorte do espaço e pela fixação do indivíduo nele. Um paciente em uma maca, um aluno em uma carteira, um trabalhador em ponto fixo na esteira de produção ou um detento em uma cela. Todos estão individualizados e são objeto de vigilância. Fixando os indivíduos no espaço, é possível construir conhecimento sobre eles, descrevendo sua rotina, seus gestos, suas condutas. Nas palavras de Foucault:

[...] o poder disciplinar é individualizante porque ajusta a função do sujeito à singularidade somática por meio de um sistema de vigilância e escritura ou um sistema de panoptismo pangráfico que se projeta por trás da singularidade somática [...] um núcleo de virtualidades, uma psique, e estabelece, ademais, a norma como princípio de partição e a normalização como prescrição universal para todos esses indivíduos assim constituídos (FOUCAULT, 2003, p. 57; 2007, p. 77).

Diante dessa colocação, cabe analisar alguns termos importantes para uma correta compreensão da relação saber-poder e da normalização como estratégia mais ampla em relação aos indivíduos. A sociedade disciplinar e a produção de indivíduos têm no panóptico<sup>4</sup> o seu modelo. Foucault afirmará um ano depois em *Vigiar e punir*

---

<sup>4</sup> O panóptico é uma estrutura arquitetural em forma de anel. Esse anel é dividido em celas, com as portas de grade voltadas para o centro e uma janela na parede externa. Em cada cela estaria um indivíduo. No centro há uma torre, cujo topo abriga uma sala de observação. O desenho arquitetônico permite que os vigias na torre nunca sejam vistos por aquelas pessoas que estão na cela. Por outro lado, estas estão sempre e totalmente visíveis aos vigias. Quem vê nunca é visto, quem é visto nunca

(1975) que o “dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...]. Cada um [...] é visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito numa comunicação” (FOUCAULT, 1975, p. 233; 2009, p. 190). O panóptico rompe o par ver-ser visto e possibilita que o observador possa gerar conhecimento sobre qualquer pessoa e envolver este corpo de forma cada vez mais intensa sem nunca ser identificado. O indivíduo passa à condição de objeto apenas: objeto descrito, mensurado, estudado em suas minúcias. Objeto produzido, ao final, pelo discurso que o rodeia. Com essa potencialidade, o panóptico passa a ser o modelo da sociedade disciplinar, tal como lemos em *O poder psiquiátrico* (FOUCAULT, 2003, p. 80; 2007, p. 103).

No tocante à normalização dos indivíduos, devemos discorrer sobre o conceito de norma. Primeiramente, ela serve para estabelecer uma “infrapenalidade no vazio deixado pelas leis” (FOUCAULT, 1975, p. 209; 2009, p. 171). Antes de objetivar a condenação, a norma visa à homogeneização daqueles por ela atingidos. Mediante seu uso, a disciplina faz uso dela qualificando e moldando um conjunto de comportamentos que escapava ao marco mais amplo da lei. Além de sua capacidade de infiltrar-se no corpo social de modo mais capilar, a norma também possibilita que o poder disciplinar faça uma ampla categorização do anormal.

Nessa empresa, a norma tem um papel fundamental. Assumindo a importância de princípio que dá suporte ao processo disciplinador, a homogeneização da sociedade devém uma meta inerente à sociedade industrial. Passando ao uso da norma na produção de anormalidades, é possível resgatar comentários específicos sobre a produção do anormal na sociedade disciplinar em *Vigiar e Punir*. Na seguinte passagem lemos:

[...] de um modo geral, todas as instâncias de controle individual funcionam num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal) [...]. A divisão constante do normal e do anormal a que todo indivíduo é submetido, leva até nós [...] todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais (FOUCAULT, 1975, p. 232; 2009, p. 189).

Foucault argumenta que houve uma disseminação do poder psiquiátrico no corpo social a partir do séc. XIX. Com isso, a Psiquiatria, como exemplo de um saber-

---

vê. Esse é o rompimento do par ver-ser visto. Sobre esse ponto, remetemos à entrevista *O olho do poder* (1979).

poder médico, pode tomar para si todas as anomalias que julgar pertinentes no intento de sanar o corpo social.

Todo aquele que é anormal com respeito à disciplina escolar, militar, familiar, etc., todas esses desvios, todas essas anomalias, a Psiquiatria poderá reclamar para si. [...] levaram-se a cabo a generalização, a difusão e a disseminação do poder psiquiátrico em nossa sociedade (FOUCAULT, 2003, p. 81; 2007, p. 103).

Por generalização podemos entender essa ramificação sem fim desse saber-poder que se especializou em definir e identificar o anormal. É claro que já estamos, a essa altura, adentrando no marco temporal das reflexões biopolíticas<sup>5</sup>. Se o fazemos é para salientar como a figura do anormal continua presente mesmo em um contexto no qual convivem as duas tecnologias de poder.

Em outro curso intitulado *Os anormais* (1974-1975), podemos ler a consideração de que as tecnologias positivas de poder desenvolvidas a partir do séc. XVIII trazem uma inovação ímpar para o Ocidente.

O que o séc. XVIII introduziu mediante o sistema disciplina com efeito de normalização, o sistema disciplina-normalização, parece que é um poder que, de fato, não é repressivo mas produtivo; a repressão não figura nele mais que em conceito de efeito lateral e secundário com respeito a [...] mecanismos que fabricam, mecanismos que criam, mecanismos que produzem (FOUCAULT, 1999, p. 48; 2008, p. 59).

O que Foucault tenta nos dizer é que a invenção das tecnologias positivas de poder<sup>6</sup> está associada a um duplo processo: normalização e desenvolvimento de uma nova arte de governar. Sobre a primeira já tecemos alguns comentários e argumentos. Com respeito à segunda, o poder produtivo de modo geral, e a produção do anormal de modo particular, possibilita uma nova forma de governar a população. Aqui já estamos do domínio da biopolítica. Através da cisão entre normalidade e

---

<sup>5</sup> O conceito de biopolítica em Foucault se refere ao modo de exercício do poder que toma a vida biológica como objeto político. A população, considerada como espécie, seria alvo de um gerenciamento contínuo e cada vez mais vasto de sua condição biológica. O governo dos corpos e condutas, então, não se limitaria ao físico, aos gestos, como no poder disciplinar. De modo muito mais abrangente e igualmente minucioso, empreenderia todos os seus esforços para governar a própria vida da população. Para um aprofundamento do conceito remetemos a Foucault (1976), *História da sexualidade 1*, especialmente o capítulo 5.

<sup>6</sup> Foucault considera que as principais manifestações do poder se dão de forma produtiva. O poder tem a capacidade de produzir corpos e subjetividades. Assim, a repressão, talvez a forma mais visível, não deve ser considerada a mais importante. Em *Vigiar e punir* (1975), por exemplo, nosso autor defende que o grande objetivo do poder disciplinar é produzir corpos dóceis e produtivos.

anormalidade embasada em argumentos científicos, o exercício do poder pôde utilizar a figura do louco, do desviante, para melhor governar a população sob sua tutela.

Trata-se de sinalizar para o que estava em curso naquela época:

[a construção] de um novo saber sobre o governo, sobre a criação e destruição das riquezas. É a partir dessa nova concepção e exercício do governo que toda forma de diferença ou desvio torna-se perigosa. Transitamos, assim, gradualmente, das sociedades disciplinares às sociedades baseadas em dispositivos de segurança (BACARLETT PÉREZ, 2016, p. 115-116).

Ao identificar o louco, o anormal, o pervertido, o degenerado utilizando o dispositivo saber-poder psiquiátrico, o corpo social fica submetido a uma constante observação. Todos os indivíduos são passíveis de serem perscrutados e analisados a qualquer momento, sob qualquer aspecto que não esteja adequado à norma estabelecida. A figura do anormal será disseminada no meio social com o fim de maximizar o exercício do poder, possibilitando uma melhor condução da população.

Uma das teorias mais influentes para a classificação do anormal foi a teoria da degeneração. Utilizando-se dela, a Psiquiatria pôde exercer uma “ingerência indefinida nos comportamentos humanos” (FOUCAULT, 1999, p. 298; 2008, p. 293). Ou seja, a possibilidade de alcançar todos os comportamentos e condutas passou a ser uma realidade para um dispositivo antes inexistente na história do Ocidente. Mediante o uso da norma que definia a fronteira entre normalidade e seu contrário, entre razão e desrazão, o poder passou a ter a capacidade de atuar sobre o corpo social de modo cada vez mais detalhado.

Essa intervenção mais assídua será justificada mediante o argumento da proteção. As funções de “proteção e de ordem” serão as grandes justificativas alardeadas à sociedade para que ela mesma aceite a intervenção desse saber-poder que produz e classifica indivíduos como desviantes e degenerados (FOUCAULT, 1999, p. 297; 2008, p. 294). Proteção contra um perigo invisível ou de difícil compreensão. Ordem mediante a ameaça de caos generalizado no seio do corpo social. Podemos perceber que talvez poucos dispositivos foram tão eficazes no exercício de um poder perene em seus efeitos e inverificáveis em sua atuação.

Se a anormalidade foi um monstro criado para auxiliar no governo dos normais, a própria normalidade, por sua vez, não pode ser vista como conhecimento de uma natureza sempre presente. Já em *História da loucura* (1961) Foucault

sinalizava para uma compreensão da normalidade como uma criação própria do Ocidente.

Na verdade, esse homem normal é uma criação. E se é preciso situá-lo, não é num espaço natural, mas num sistema que identifique o *socius* ao sujeito de direito; e, por conseguinte, o louco não é reconhecido como tal pelo fato de a doença tê-lo afastado para as margens do normal, mas sim porque nossa cultura situou-o no ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direito (FOUCAULT, 1972, p. 147; 2013, p. 132).

Esse trecho é bastante chamativo por sinal. Não só por manifestar a produção do anormal dentro de uma sociedade ávida pela normalidade, mas também pela afirmação de que a própria normalidade é já um produto do saber científico. Da ciência Foucault não esperava a revelação da verdade, tal como lemos em *Nietzsche, a genealogia, a história* (FOUCAULT, 2001a, p. 1.005). Pelo contrário: considerava que os conceitos e categorias eram frutos de uma trama muito mais vasta, permeada por relações de poder.

Tendo em vista esses aspectos, será valoroso ler em algumas passagens d'*O alienista* de Machado de Assis o modo como a loucura vai sendo produzida como inverso da razão. Não apenas considerada como algo desprovido de toda racionalidade, sua patologização também é retratada na obra com extrema perspicácia. Dessa forma, Machado alude à possibilidade de pensar os parâmetros da ciência como mutáveis e inconstantes, por vezes até arbitrários.

### **O alienista de Machado de Assis – uma leitura com Michel Foucault**

Nosso intuito nesse tópico é recuperar alguns trechos da obra *O alienista* de Machado de Assis para ilustrar uma reflexão utilizando a obra de Michel Foucault. A pertinência da relação feita aqui pode ser vislumbrada se consideramos o seguinte trecho da obra: “[...] Casa Verde – essa bastilha da razão humana” (ASSIS, 2013, p. 74). Alusão ao monumento da injustiça praticada na França pré-revolucionária, o manicômio sob direção de Simão Bacamarte é apenas um dos itens que nos faz lembrar dos argumentos de Michel Foucault. Reuniremos algumas passagens deste clássico da nossa literatura tentando ressaltar como uma leitura disciplinar e biopolítica dessa obra pode ser feita. Assim sendo, resgatar alguns trechos d'*O alienista* se faz pertinente e até enriquecedor para os estudos foucaultianos.

Antes, porém, seria interessante resgatar a importância que Foucault dá à Literatura em alguns de seus escritos. Em *Loucura, sociedade, Literatura*, por exemplo, o autor francês estabelece uma relação entre literatura e loucura, indicativo de que a reflexão sobre a loucura esteve presente no contexto maior do interesse de Foucault pela Literatura.

Foucault mesmo dirá, em *Loucura, a ausência de obra*, que a loucura pode ser vista como a palavra excluída.

[...] a loucura é a linguagem excluída – aquela que, contra o código da língua, pronuncia palavras sem significação (os ‘insensatos’, os ‘imbecis’, os ‘dementes’), ou a linguagem que pronuncia palavras sacralizadas (os ‘violentos’, os ‘furiosos’), ou ainda a que faz passar significações interditas (os ‘libertinos’, os ‘interditados’) (FOUCAULT, 2001a, p. 445).

Ou seja, consideradas como dementes, insensatas, imbecis, violentas ou furiosas, as pessoas que pronunciavam palavras sem sentido ou similares eram consideradas loucas. Assim classificadas, poderiam ser interditas e excluídas do convívio daqueles que compartilhassem a linguagem com sentido.

Não obstante, para nossa surpresa, no mesmo texto Foucault aproxima a Literatura, palavra com sentido, da loucura. Aquela palavra sem sentido agora pode ser uma expressão literária que, de alguma forma, torna-se uma dobra da linguagem sobre si mesma, provocando uma relação do falante com seu eu. Expressão transgressiva, é verdade, que justamente por isso nos remete a uma reflexão sobre o papel que a Literatura pode alcançar ao ser aproximada da desrazão.

Depois do séc. XVII, loucura e maldade mental passaram a ocupar o mesmo espaço no campo das linguagens excluídas (grosso modo, aquela do insensato). Entrando em outro domínio da linguagem excluída (naquele cercado, sacralizado, temido [...], relacionando-se a si mesmo numa dobra inútil e transgressiva que se chama Literatura), a loucura resolve sua relação [...] com a maldade mental (FOUCAULT, 2001a, p. 448).

A loucura como produto da razão é um desdobramento que será consolidado com o passar dos anos na obra de Foucault. Essa consequência será possível a partir do momento em que ele começa a trazer para sua reflexão o elemento do poder. Produção do discurso e relações de poder adquirem cada vez mais importância em sua obra. Tão forte será essa relação que podemos vislumbrar seus traços até a

terceira fase de suas pesquisas, chamada de fase ética<sup>7</sup>, em aulas dedicadas à *parresia*<sup>8</sup> por exemplo. Quando essa relação entre Literatura e loucura passa a ser influenciada por relações de poder, temos algo que ele classifica como uma perseguição incessante da razão sobre a loucura através da linguagem e sobre um fundo de linguagem.

No final da conferência inédita mencionada na introdução de nosso argumento uma palavra recorrente é risco. Falar sobre a loucura não se dá por qualquer motivo que não seja sua capacidade de remeter à sua exterioridade. O perigo ao qual o sujeito é exposto a partir do momento em que é colocado, pelo fazer literário, fora de si mesmo. Risco advindo da transgressão da palavra, franqueando os tabus da linguagem. Em *O pensamento do exterior* Foucault remete a esse poder da Literatura que nos leva para fora de nós mesmos. Trata-se de uma abertura provocada por uma linguagem excludente ao sujeito, na qual ser e linguagem desaparecem tendo em conta a desaparecimento daquele.

O fictício nunca está nas coisas nem nos homens, mas na verossimilhança impossível do que há entre ambos: encontros, proximidade do mais longínquo, absoluto dissimulo no lugar onde estamos. A ficção consiste, pois, não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade do visível (FOUCAULT, 2001, p. 552; 2010, p. 268).

Talvez, com essas palavras, possamos encontrar um possível significado para a influência da Literatura no pensamento de Foucault. Para ele, a busca de um pensamento que pusesse à prova a fragilidade do sujeito era fundamental. Com isso, quiçá esse fosse o início de um processo no qual o sujeito constituinte, marca tão forte da história do pensamento ocidental, tenha suas fissuras expostas.

Essa invisibilidade do visível nos remete, por exemplo, à caracterização da loucura na Modernidade, ao ser delineada como o outro da razão. Gostaríamos de ressaltar aqui que essa invisibilidade pode ser vista como um produto do saber-poder psiquiátrico. Influenciado por relações de poder, a produção da loucura como

---

<sup>7</sup> Para um debate sobre a divisão da obra de Foucault em três fases, sugerimos as leituras de Cesar Candiotti, *Foucault e a crítica da verdade* (2010), e Esther Diaz, *A filosofia de Michel Foucault* (2013), bem como os textos da coletânea em língua inglesa de J. Bernauer e D. Rasmussen, *The Final Foucault* (1987). A obra de Foucault é convencionalmente dividida em três fases: arqueologia, genealogia e ética. Na primeira os temas principais são a linguagem e as regras e produção do conhecimento. Na segunda, o foco da reflexão está sobre o poder. Na terceira, o sujeito configura o eixo de suas reflexões.

<sup>8</sup> Remetemos ao curso de Foucault *Le courage de la vérité – Le gouvernement de soi et des autres II* (2009).

patologia é levada a cabo pondo limites fronteiriços entre o sujeito de conhecimento e a desrazão transgressiva. A Literatura, então, permitiria um certo lançar-nos contra os limites, em uma experiência que nos faria pensar em uma exterioridade para além das fronteiras já postas por nossa razão.

Nesse sentido, Laurent Jenny nos auxilia em suas palavras. Em um texto publicado no mesmo número de *Critique*, junto à conferência inédita de Foucault, considera que

No coração da Literatura, tem sido pensado e visto um ‘nível autônomo’, ‘um todo poderoso preliminar’, que funciona como ‘condição de possibilidade para o sujeito falante’. Mas aqui saindo do campo literário, é tentada por outra acepção do termo, mais próxima de sua compreensão como gênero no seio da tradição retórica, e estritamente antagonista à Literatura. Então se poderia identificar a Literatura a uma fala que manifesta a língua em si mesma e suas possibilidades (JENNY, 2016, p. 987).

Somando-se a essa busca por explorar a relação entre Literatura e loucura, Mathieu Potte-Bonneville chama nossa atenção para algo interessante: “O que há em comum entre os artistas [Nietzsche, Artaud, Van Gogh] que Foucault cita com tanta frequência? A resposta se impõe por si mesma: todos se tornaram loucos (POTTE-BONNEVILLE, 2007, p. 81). Para este autor não se trata de simples coincidência, mas de duas realidades, obra e loucura, que não podem ser separadas. A importância de tal colocação é o fato dela contradizer o estatuto da loucura, localizada na esfera do patológico, evidenciando a denúncia de uma construção histórica.

Ao ser apresentada como revés da razão e tida como manifestação patológica, a loucura aparece como algo essencializado. Estratégia de uma razão que obnubila algo que lhe escapa, apresentando-a como um dado que a confronta.

Mesmo considerando as fases da obra desse pensador, as marcas do poder sobre a loucura já estavam presentes nessa reflexão de 1964 citada acima. Nela Foucault dirá que o discurso interrompido, negado ou excluído é assim classificado tendo em conta um limite estabelecido no uso da linguagem. Segundo ele, essa seria uma característica de todas as sociedades ocidentais. Em suas palavras:

Não há uma única cultura no mundo em que seja permitido fazer de tudo. E sabemos bem há muito tempo que o homem não começa com a liberdade, mas com o limite e a linha do intransponível. São conhecidos os sistemas aos quais obedecem os atos interditados (FOUCAULT, 2001a, p. 443).

Feita essa aproximação entre loucura e Literatura nos textos de Foucault, podemos adentrar ao texto de Machado. Através desses trechos será possível delinear como as pontes, tanto com a disciplina como com a biopolítica, podem ser feitas. Com essa reflexão, interessa-nos sublinhar a influência do saber-poder psiquiátrico na definição e encarceramento da loucura. O passo seguinte é delimitar como essa atuação pode ser contextualizada em uma sociedade com traços biopolíticos<sup>9</sup>.

Cientes de que estamos lidando com reflexões distintas, disciplina e biopolítica não são estanques. Se por um lado a disciplina tem como foco os corpos individuais, a biopolítica debruça-se sobre o corpo-espécie. Ambas com dispositivos característicos, estão conectadas pela norma que, homogeneizando ou regulando, é exemplo claro da relação saber-poder. Como mesmo afirma Foucault, estamos trabalhando com diferenças de escala (FOUCAULT, 2004; GORDON, 1991, p. 4)<sup>10</sup>. A seguir, desenvolveremos nosso argumento resgatando a divisão binária normal-anormal agora também como estratégia para a proteção da espécie.

No texto de Machado, esses traços biopolíticos já começam a aparecer logo no início do livro, em um trecho no qual Simão Bacamarte escolhe sua esposa não pela beleza ou por dotes intelectuais. Não buscaria ele uma companheira ou auxiliadora com vistas a compartilhar suas ambições científicas ou projetos investigativos. Tampouco estaria interessado em ter como cônjuge uma mulher cuja beleza fosse admirada por todos. Nada disso. O mais importante para o médico era que essa mulher fosse capaz de dar-lhe uma prole saudável, robusta e inteligente. Ou seja, uma descendência de boa constituição biológica, boa natureza física e ótima capacidade intelectual. Em resposta ao questionamento que lhe foi apresentado, “Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem [...]; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes” (ASSIS, 2013, p. 1).

Através desse trecho, podemos ver como é marcante na obra o desejo de uma sociedade formada por pessoas de boa constituição genética. Indivíduos que não ofereçam risco biológico à espécie e possam, ademais, somar ao desenvolvimento

---

<sup>9</sup> Importante fazer a ressalva de que o Brasil do início do séc. XX talvez não possa ser classificado como uma sociedade biopolítica. Contudo, traços dessa reflexão já poderiam ser observados naquele tempo.

<sup>10</sup> Sobre os dispositivos de segurança, conceito desenvolvido no âmbito da biopolítica, remetemos humildemente ao nosso texto *Biopolítica no Brasil* (2022).

racional da mesma. Temos aqui, pelo menos no que tange ao primeiro item, uma preocupação biopolítica por excelência. Isso toca diretamente no ponto sobre a loucura como risco à sociedade. Identificando características mais promissoras nos indivíduos, estaríamos conformes em evitar a loucura como um risco<sup>11</sup>. Se consideramos a ingerência indefinida dos comportamentos pelo poder psiquiátrico, atentar para a natureza física e capacidade intelectual das pessoas seria uma atitude da maior importância.

Passados cinco anos de casados, D. Evarista não lhe dava filhos e o Dr. Bacamarte decidiu então dedicar-se às suas pesquisas científicas. Talvez em busca de uma resposta para a demora. O certo é que logo a primeira motivação foi substituída por outra: os mistérios da *psique* humana.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, - o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral (ASSIS, 2013, p. 8).

Dr. Bacamarte passa então a praticar um olhar atento sobre os cidadãos da pequena Itaguaí com o objetivo de identificar aqueles que sofreriam com algum desvio de conduta fruto de uma anormalidade mental. Nesse ponto da obra, evidencia-se que a presença da loucura no corpo social é algo inaceitável. Não seria possível permitir a presença do anormal imiscuído na sociedade.

Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo (ASSIS, 2013, p. 30).

A empresa de Dr. Bacamarte foi tão extensa ao ponto de internar 4/5 da população da cidade na Casa Verde. Os internos eram classificados das mais variadas formas. Tamanha era a diversificação de tipos anormais que a população começou a ficar assustada. “O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doudo. [...] Positivamente o terror” (ASSIS, 2013, p. 66).

A investida do alienista pode ser também percebida como uma estratégia biopolítica se lembrarmos da ramificação do Psiquiatria no tecido social assinalada

---

<sup>11</sup> Sobre uma reflexão sobre a sociedade de risco a partir da obra de Michel Foucault, remetemos a François Ewald, *Insurance and Risk* (1991).

por Foucault. Segundo ele, os mais mínimos gestos ou palavras, atitudes ou hábitos eram passíveis de cair no campo da anormalidade. Com o objetivo de proteger a sociedade do risco eminente provocado pela loucura, justificam-se diagnósticos amplos e a reclusão dessas pessoas. Todavia, à medida que o lastro da loucura vai sendo estendido na cidade, vai caindo também na indefinição e padecendo da falta de critérios claros. Nas palavras de Machado: “Daí em diante foi uma coleta desenfreada. [...] Tudo era loucura” (ASSIS, 2013, p. 112).

Ante a sanha psiquiátrica própria dessa época, talvez algumas pessoas começassem a duvidar do rigor científico dos diagnósticos. Essa dúvida pode ter sido o mote para as palavras do escritor brasileiro ao expor o espanto de D. Evarista com a quantidade de reclusos na Casa Verde. Não seria de se estranhar. Tendo a maioria das pessoas da cidade internadas para tratamento de enfermidades mentais, seria inconveniente perguntar se tão poucos gozavam de plena sanidade?

Contudo, o *status* científico alcançado pela Psiquiatria durante o séc. XIX foi realmente significativo. Ciência de primeira grandeza, intramuros era responsável pela defesa da sociedade infestada de anormais por todas as partes. Se tal desconfiança ocorreu por parte de alguns, não teve guarida em seu tempo. Disso podemos dar prova com o seguinte trecho: “D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro vá; mas todos? Entretanto, custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura.” (ASSIS, 2013, p. 62).

Machado usa de uma ironia bastante sagaz. Os loucos não seriam trazidos para o claustro se não fosse por boa razão. Não faltariam estudos e dados que embasassem a decisão do alienista. Se estavam lá era porque havia prova evidente de suas anormalidades.

Entretanto, há uma reviravolta na obra. Depois de intensa reflexão, Dr. Bacamarte conclui que os princípios que embasavam seus diagnósticos não só estavam errados, como também invertidos. Aqueles que antes eram considerados loucos, agora seriam soltos. Por outro lado, os anteriormente descobertos pelas classificações cada vez mais refinadas da Psiquiatria, passaram a ser considerados anormais.

De fato o alienista oficiara à Câmara expondo: - 1º) que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º) que esta

deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos de sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º) que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto [...] (ASSIS, 2013, p. 120).

Nesse trecho vemos como a extrema habilidade de nosso escritor tece uma reviravolta na trama. Isso nos dá a possibilidade de aproximá-la da reflexão biopolítica na qual Foucault sinaliza para a distensão própria dos fundamentos da Psiquiatria. O autor francês adverte que esta ciência teve como característica, há muito, “uma grande frouxidão epistemológica” (FOUCAULT, 1999, p. 147; 2008, p. 152). Tudo era passível de ser classificado como loucura. E em o sendo, uma pessoa poderia ser reclusa aos estabelecimentos psiquiátricos sem maiores contestações.

Notemos que as palavras de Machado nos ajudam a perceber uma consequência dessa indefinição. Se os fundamentos da Psiquiatria não eram sólidos tal como se propagava, a mudança brusca era possível, tal como aconteceu com a teoria de Morel, que permitiu à Psiquiatria transpor os muros das instituições médicas (CAPONI, 2012, p. 28). Justamente por conta desse crescimento, ela chegou a ser recrutada, como ramo da higiene pública, para ser uma das defensoras da sociedade.

## Conclusão

Esperamos ter concluído este périplo fazendo uso das obras com o máximo cuidado e respeito que merecem. Estabelecer uma conexão entre Machado de Assis e Michel Foucault não é tarefa fácil, mesmo que seja possível. Cremos que Foucault não faria objeção à nossa iniciativa, dada sua admiração pela Literatura. Durante o percurso, foi possível identificar como a loucura foi objeto de um saber-poder e, da mesma maneira, alvo de uma sociedade imersa em um processo de normalização. Refletir sobre a loucura permitiu a Foucault pôr em tela de juízo a formação de uma sociedade normalizadora. Uma sociedade que classifica como perigoso o diferente, aquilo que escapa à norma.

No que concerne a seu tempo, de fato a Psiquiatria ganhou cada vez mais espaço até a primeira metade séc. XX. Isso pode ser intuído pela leitura de *O alienista*, de nosso célebre Machado de Assis. Contudo, empreendendo uma leitura do texto

usando conceitos do filósofo Michel Foucault, podemos ver como a loucura pode ser considerada um produto de mecanismos que a fabricam. Dado que sua produção se deu dentro da formação da sociedade disciplinar, vimos como o panóptico e a norma foram essenciais para seu desenvolvimento, proporcionando um maior controle e normalização da sociedade. Esse foi o ponto em discussão no primeiro tópico.

No segundo tópico reunimos alguns trechos d'*O alienista* com o intuito de ressaltar elementos de uma sociedade disciplinar e biopolítica. Identificamos que a oposição binária entre loucos e não loucos, perigosos e inofensivos, normais e anormais estão presentes na trama. Diante disso, concluímos que o referido ensaio pode ser lido como uma alegoria de uma sociedade disciplinar, binária e altamente excludente. Da mesma forma, traços biopolíticos podem ser observados se notarmos as preocupações com a genética de seus filhos e também com a proteção do corpo social atribuída à Psiquiatria. Frente ao perigo oferecido pela loucura, ambas as formas de poder podem ser observadas.

O questionamento ao sujeito de conhecimento, então, aparece concomitantemente à valorização da Literatura. Esta permitiria explorar limites da razão tão caros àqueles que defendem a oposição binária loucos/não loucos, normais/anormais. Ao questionar esses limites, Foucault propõe que há uma incidência de relações de poder no estabelecimento dessas fronteiras.

## Referências

ARTIÈRES, Phillippe (org.). **Michel Foucault, a Literatura e as Artes**. Trad. de Pedro de Souza e Jonas Tenfen. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.

ASSIS, Machado. **O alienista**. Edição bilíngue. Campinas: UNICAMP, 2013.

BACARLETT PÉREZ, María Luisa. **Una historia de la anormalidad**. México: UAEM/Gedisa, 2016.

BARROS, João. **Biopolítica no Brasil**. São Leopoldo-RS: Casa Leiria, 2022.

BERNAUER, James; RASMUSSEN, David (Ed.). **The final Foucault**. Cambridge: MIT Press, 1987.

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAPONI, Sandra. **Loucos e degenerados. Uma genealogia da Psiquiatria ampliada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

- DIAZ, Esther. **A filosofia de Michel Foucault**. São Paulo: Unesp, 2013.
- EWALD, François. Insurance and Risk; In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin; MILLER, Peter (Org.). **The Foucault effect: studies in governmentality**. Chicago: University Press Chicago, 1991, p. 197-210.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits I – 1954-1975**. Paris: Gallimard, 2001a.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits II – 1976-1984**. Paris: Gallimard, 2001b.
- FOUCAULT, Michel. **El poder psiquiátrico**. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Gallimard, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Historie de la sexualité I: la volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 1976.
- FOUCAULT, Michel. La Littérature et la folie. **Critique**, Paris, n. 835, p. 965-981, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Le courage de la vérité – Le gouvernement de soi et des autres II**. Paris: Gallimard, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Le pouvoir psychiatrique**. Paris: Gallimard, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Les anormaux**. Paris: Gallimard, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Los anormales**. Trad. De Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Obras esenciales**. Barcelona: Paidós, 2010.
- FOUCAULT, Michel. O olho do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 208-228.
- FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**. Paris: Gallimard, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir**. Paris: Gallimard, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GORDON, Colin. Governmental rationality: an introduction. In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin; MILLER, Peter (Org.). **The Foucault effect: studies in governmentality**. Chicago: University Press Chicago, 1991, p. 1-51.
- JENNY, Laurent. **Foucault et la Littérature: une passante**. Critique, Paris, n. 835, 2016, p. 982-992.

POTTE-BONNEVILLE, Mathieu. **Michel Foucault, la inquietud de la historia**. Trad. Hilda García. Buenos Aires: Manantial, 2007.